

Oração de traficante



CONSELHO EDITORIAL

Bertha K. Becker (*in memoriam*)

Candido Mendes

Cristovam Buarque

Ignacy Sachs

Jurandir Freire Costa

Ladislau Dowbor

Pierre Salama

Christina Vital da Cunha

**Oração de traficante**  
*Uma etnografia*

Garamond

Copyright © Christina Vital da Cunha

Direitos cedidos para esta edição à

**Editora Garamond Ltda.**

Rua Candido de Oliveira, 43/Sala 101 - Rio Comprido

Rio de Janeiro - Brasil - 20.261-115

Tel: (21) 2504-9211

editora@garamond.com.br

*Revisão*

Alberto Almeida

*Editoração Eletrônica*

Editora Garamond

*Capa*

Estúdio Garamond

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

V9770

Vital da Cunha, Christina

Oração de traficante: uma etnografia / Christina Vital. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2015.

432 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 9788576174240

1. Favelas - Aspectos sociais - Rio de Janeiro (RJ). 2. Acari (Rio de Janeiro, RJ). 3. Santa Marta (Rio de Janeiro, RJ). 4. Tráfico de drogas - Aspectos sociais - Brasil. I. Título.

15-26351

CDD: 307.3364098153

CDU: 316.334.56(815.3)

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	13
<b>Introdução</b> .....	21
 <b>Parte I. O campo de pesquisa</b>	
1. <i>Terrains sensibles</i> cariocas: caracterização dos campos de pesquisa.....	45
1.1 <i>Terrains Sensibles</i> : características, proximidade e engajamento ...	45
1.2. Sobre a Favela de Acari.....	52
1.3. Sobre o Santa Marta.....	67
2. Oportunidade, vizinhança, riscos e fofocas	
2.1 Crítica à noção de favela e comunidade .....	81
2.2. Da estrutura de oportunidades e do efeito vizinhança.....	84
2.3. Quando o entorno da favela é a Zona Sul.....	89
2.4. Quando o entorno da favela são bairros da Zona Norte.....	96
2.5. A fofoca como mais um fator de risco .....	108
2.6. A igreja como lazer .....	111
2.7. Ao final as possibilidades de uso das estruturas de oportunidade .....	116
 <b>Parte II. Laços e redes de proteção: igreja, família e o movimento social</b>	
3. Dos laços e redes de solidariedade nas favelas: segurança e proteção.....	121
3.1. Sobre redes e laços de proteção .....	121
3.2. O quadro das inseguranças entre os moradores de favelas no Brasil.....	124
3.3. Uma reflexão socioantropológica sobre as redes e laços presentes em Acari .....	126

4.	Três casamentos, três famílias, diferentes amores: “luta”, partilha e prosperidade na história de vida de dona Edith e da família Anunciação .....	151
4.1.	Família como base identitária.....	151
4.2.	A família Anunciação e dona Lelinha .....	168
4.3.	A casa, a vizinhança, as festinhas.....	170
4.4.	A vizinhança como ameaça: Carlota e dona Nenê em cena....	173
4.5.	Laços fortes, laços fracos, vulnerabilidade e iniciativas sociais nas favelas .....	177
5.	Sobre as redes religiosas .....	185
5.1.	O crescimento evangélico em favelas e periferias no Brasil e no Mundo.....	185
5.2.	Redes religiosas em favelas e periferias: potenciais e limites apontados pela bibliografia.....	189
5.3.	Os católicos em Acari: da Era salesiana à ação carismática ...	194

## **Parte II. Traficantes (e) evangélicos**

6.	Dos pentecostais na arena: redes de proteção, mediação religiosa e a evangelização de <i>bandidos</i> em Acari .....	231
6.1.	As igrejas evangélicas em Acari.....	231
6.2.	A Assembleia de Deus e as redes formadas entre congregação e família .....	237
6.3.	IURD: redes de sociabilidade e o trabalho de evangelização na favela .....	274
6.4.	Consolidação e aproximação de redes e atores em situação.....	284
7.	Do glamour do “traficante rei” dos anos 1980 ao pragmatismo dos traficantes dos anos 2000.....	287
7.1.	O tempo dos “traficantes reis” .....	288
7.2.	A sucessão no tráfico nos <i>tempos áureos</i> .....	303
7.3.	Do fumo escondido à época do “terror” na favela .....	311
8.	Tranquilidade: evangélicos e traficantes em ação nas favelas.....	323
8.1.	Os traficantes e o universo religioso local.....	324

8.2. A ocupação policial, a destruição dos santos e o avanço evangélico nas favelas .....	335
8.3. Com a palavra os evangélicos: percepções sobre a Ocupação Policial e “tranquilidade” na favela .....	340
9. A nova fé dos traficantes: <i>dominação satânica</i> , experimentação e cura e libertação do mal .....	363
9.1. Jeremias e a geração de “traficantes evangélicos” em Acari...364	
9.2. A mudança na correlação de forças com a ascensão dos “traficantes evangélicos” .....	367
9.3. Símbolos e expressões religiosas evangélicas na favela: novos tempos, nova fé .....	372
9.4. Os traficantes e suas expressões de fé: nas orações por “radinho”, no diário do crime, nas correntes da Igreja Universal do Reino de Deus .....	381
9.5. Mudanças no tráfico (?): <i>tranquilidade</i> e pragmatismo .....	390
9.6. Quem domina quem? As redes evangélicas e os traficantes em Acari .....	400
9.7. <i>Bricolage</i> de símbolos e linguagem.....	411
<b>Para finalizar, não. Para continuar!</b> .....	413
<b>Referências</b> .....	418





*Para Livia*



Há uma história indiana – pelo menos eu a ouvi como indiana – sobre um inglês a quem contaram que o mundo repousava sobre uma plataforma apoiada nas costas de um elefante, o qual, por sua vez, apoiava-se nas costas de uma tartaruga, e que indagou (talvez ele fosse um etnógrafo; é a forma como eles se comportam), e onde se apoia a tartaruga? Em outra tartaruga. E essa tartaruga? ‘Ah, Sahib, depois dessa são tartarugas até o fim’. De fato, essa é a situação das coisas. Não sei até quando seria proveitoso meditar sobre o encontro de Cohen, do xeque e de ‘Dumari’ (talvez o período já tenha sido excedido), mas sei que, por mais que tenha feito, não cheguei nem perto do fundo da questão. Aliás, não cheguei próximo do fundo de qualquer questão sobre a qual tenha escrito, tanto nos ensaios abaixo como em qualquer outro local. A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. Mas essa é que é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas.

*Gertz*



## Apresentação

De todos os fenômenos religiosos, poucos há que, mesmo se considerados apenas externamente, dão de maneira tão imediata como a prece a impressão da vida, da riqueza e da complexidade. [...] Infinitamente flexível, revestiu as formas mais variadas, sucessivamente adorativa e constrangedora, humilde e ameaçadora, seca e abundante em imagens, imutável e variável, mecânica e mental. Desempenhou as funções mais diversas: aqui é uma petição brutal, ali uma ordem, alhures um contrato, um ato de fé, uma confissão, uma súplica, um louvor, uma hosana. Às vezes, um mesmo tipo de oração passou sucessivamente por todas as vicissitudes: quase vazia na origem, uma se apresenta um dia cheia de sentido, outra, quase sublime no início, reduz-se, aos poucos, a uma salmodia mecânica.

*Marcel Mauss*

Preces, orações, imagens, pichações. Um rico universo imagético compõe os objetos de análise da pesquisa aqui apresentada, meios a partir dos quais sociabilidade, religião e violência foram abordados. O título deste livro, *Oração de traficante*, se refere a uma situação analisada durante a etnografia de longa duração realizada em Acari desde 1996 e, contrafactualmente, no Morro Santa Marta a partir de 2005, ambas favelas localizadas na cidade do Rio de Janeiro. A oração em destaque é tratada como um recurso para analisar mudanças relativas às formas através das quais as religiões emergem em diferentes contextos nas cidades – em especial em favelas e periferias –, assim como um meio para acessar modos de ação e de autocontrole de traficantes nessas localidades. Dessa forma, nesta publicação, a oração proferida por um traficante, assim como as pinturas e imagens por eles produzidas ou patrocinadas,

não é tematizada a partir da dessacralização do religioso, mas como exemplo potente das transformações e combinações entre universos e atores sociais tomados até então como disjuntos, incomunicáveis em termos das práticas/linguagens – gramaticais e corporais – ativadas.

Considerando a prece como ponto de convergência de um grande número de fenômenos religiosos, e entendendo a religião como um fato social total, a “oração de traficante” emergiu como elemento vital para a compreensão mais geral da pesquisa porque a prece, tal como descrita por Mauss, se dirige a uma divindade, a uma coletividade determinada e a influência, pois tem uma meta, espera resultados, um efeito. Ela é um “instrumento de ação” exprimindo sentimentos, práticas e contextos sociais específicos. Na prece, de modo geral, e na do traficante analisada na pesquisa, em especial, o fiel pensa, age, coage pela palavra. Assim, a oração feita pelo traficante era ao mesmo tempo um pedido de proteção e bênção e um reforço na orientação de conduta para os “manos” locais no formato de “sugestões imperativas” tal como emerge na estrutura das mais variadas preces descritas por Mauss. No caso narrado, a “sugestão imperativa” é potencializada pelo domínio armado exercido pelos traficantes no território e sobre a sua população. A oração do traficante, como ato de linguagem, busca agir no mundo via comunicação com os humanos e com seu deus que seria, assim como os primeiros, um parceiro comunicacional daquele que o aciona (Pina Cabral, 2009), ainda que consideremos a desigualdade de força entre os atores em questão.

Ainda nos termos propostos por Mauss, a prece, tal como qualquer outra instituição social, sofre alterações ao longo de sua existência, e ao sociólogo ou antropólogo cabe analisá-las. Talvez a entoação de uma oração cristã por um traficante de drogas, figura que no imaginário cidadão marcado pela “metáfora da guerra” (Leite, 2001) ocupa uma centralidade em termos da representação do mal, do inimigo a ser combatido, seja importante para refletir sobre as transformações sociais que emergem no âmbito religioso, político e do crime.

Partindo destas considerações, na pesquisa ora publicada nenhuma relação com o universo religioso será tratada como destituída de autenticidade, esvaziada de um sentido dito “propriamente” religioso. As justificativas elaboradas pelos atores em situação para apresentarem

suas crenças/práticas são analisadas em sua complexidade em relação a um contexto local e supralocal. Sendo assim, ao longo do trabalho escutei o que me era dito analisando variáveis e contextos e tentando controlar epistemologicamente os desconfortos morais que certas afirmações e apresentações de si suscitavam. Dessa forma, busco não exotizar o outro e não pensar as situações como um conjunto de contradições e ambiguidades, valorizando, assim, as controvérsias e seu valor simbólico e político quando emergem na fala dos entrevistados e interlocutores em campo.

Embora os marcos teóricos que deram início ao desenvolvimento das questões da pesquisa não contassem com Bruno Latour, Michael Taussig, Talal Asad, a iconoclastia, os processos de destruição e produção de imagens religiosas, os limites forjados entre secular e religioso iluminaram algumas considerações contidas aqui e, principalmente, as minhas análises subsequentes à produção deste trabalho de pesquisa. No processo de elaboração deste livro foi importante a contenção do desejo de atualizar dados e referências bibliográficas visto que, a partir de 2009, ano da defesa de tese que originou esta publicação, uma série de pesquisas e potentes análises começaram a considerar heurísticamente o esgarçamento das fronteiras entre religião e crime, religião e violência, religioso e secular nas cidades. Uma nova agenda de pesquisa se colocava para os estudiosos da religião, das cidades e da violência. No entanto, atualizar o debate, trazendo a rica produção posterior à apresentação da tese em 2009, significaria rediscutir o arranjo analítico que me levou a uma descoberta e que, por isso mesmo, contribuiu para a exploração dessa nova agenda de pesquisa estimulante e desafiadora. Em última instância, atualizar a bibliografia produzida a partir de então poderia mesmo inviabilizar este projeto editorial, dada a gama de estudos de grande qualidade teórica e empírica que surgiram a partir daqueles anos.

Atendendo às sugestões de professores e colegas, a estrutura deste livro se divide em três partes, compreendendo nove capítulos. No primeiro, apresento as favelas nas quais foram realizadas as etnografias e discuto minha entrada nelas buscando *situar-me* operando com a noção de que o estudo se dava em um *terrain sensible*. No segundo capítulo, introduzo a discussão das redes locais pensando, sobretudo, nas relações entre os moradores das favelas e os bairros do entorno

ativando referências que colaboravam na reflexão sobre a formação de estruturas de oportunidades condicionadas e condicionantes de práticas, sociabilidades e territorialidades. No terceiro capítulo, apresento o caso de um morador muito atuante na vida social e política de Acari para pensar sobre os processos de constituição de redes locais e a “força dos laços fracos”, nos termos propostos por Granovetter (1973), na promoção de experimentação de segurança para a organização da vida social e cotidiana. No quarto capítulo, apresento outro estudo de caso a partir do qual analiso a promoção de segurança, a organização da vida a partir das redes e laços constituídos na família, na igreja e na vizinhança, enfim, no *pedaço*. Nesse capítulo, relato como moradores se referem aos impactos causados pelos picos de violência sobre as possibilidades de formação de tais redes e laços fortes. As pessoas se dizem mais desconfiadas, atribuem ao outro características individualistas, mas as redes familiares e de vizinhança ainda são importantes mecanismos para a experimentação de alguma segurança pelos residentes nessas áreas. No quinto e no sexto capítulos, trato das redes e instituições formadas a partir das igrejas católica e evangélica, respectivamente, analisando seus diferentes mecanismos de atuação dessas igrejas nas favelas em tempos passados e na atualidade. Nos três capítulos seguintes, dou atenção à aproximação dos traficantes locais às redes evangélicas, discutindo como isso impactou as relações de poder nas favelas estudadas, com destaque para Acari, permitindo-me falar na conformação de “traficantes evangélicos” no território. Traço um breve histórico do tráfico de drogas em Acari, de seus personagens e da fé que os traficantes anunciavam nos muros da favela e em suas tatuagens. Em seguida, analiso a mudança no quadro mais geral do tráfico na favela e, posteriormente, a ascensão de um traficante que inaugura (ou atualiza) estratégias de regulação e de contenção da força entre os traficantes vinculados à sua mesma facção criminosa a partir de sua inserção religiosa neopentecostal. No último capítulo examino a expressão de uma fé evangélica pentecostal entre os traficantes de Acari e do Santa Marta, enfatizando um modo de programação do futuro, a forte comunicação e presença local expressas a partir de uma simbologia cristã-evangélica.



Antes de finalizar esta apresentação, gostaria de agradecer a Márcia Pereira Leite pela dedicação e estímulo à pesquisa e a esta publicação. Aos companheiros do CEVIS, com destaque para Luis Antonio Machado da Silva, Lia Rocha, Jussara Freire, César Teixeira, Luis Carlos Fridman, Juliana Farias, agradeço pelos intensos debates que viabilizaram o curso da pesquisa e que colaboraram para os desdobramentos analíticos subsequentes. Com Lia e César mantinha diálogo constante durante a realização e finalização da pesquisa. Vocês foram fundamentais. A Jussara agradeço pela interlocução e estímulo, não só durante os encontros do grupo realizados em disciplina ministrada por Machado no antigo IUPERJ, mas também pelos comentários em espaços de congressos e demais eventos acadêmicos durante os anos de realização da pesquisa de campo. A Juliana Farias agradeço pela inspiração que a construção dos seus trabalhos e que seus comentários sobre os meus textos provocaram.

Aos amigos do antigo R.E.S.A. Emerson Giumbelli, Paola Oliveira e Edilson Pereira, agradeço pela partilha de bibliografias, pelas trocas afetivas e intelectuais intensas, pelas agendas de trabalho conjugadas e planejadas para se desenrolarem ao longo dos muitos anos que nos aguardam até a aposentadoria compulsória! Ao querido Emerson Giumbelli cabe ainda um agradecimento especial pela presença sempre gentil e pelos constantes aconselhamentos. Sua produção sempre foi um incentivo à reflexão e ao trabalho dedicado.

À querida Renata Menezes agradeço pelas profícuas e animadas parcerias de trabalho. Agradeço ainda pelo grande estímulo à publicação desta pesquisa, aos comentários e orientações. Devo a você, à Patrícia Birman, ao Paulo Victor Leite Lopes e aos queridos colegas da UFF Jorge Vasconcellos e Gilmar Rocha um agradecimento muito especial pelo grande incentivo dado à realização desta publicação. À Patrícia Birman agradeço também pois a força dos seus comentários ao meu trabalho foi um estímulo à produção das análises que vinha empreendendo.

À querida Regina Novaes agradeço por me permitir compor diferentes grupos de sua relação. Adoro presenciar seus mergulhos intelectuais dos quais emerge radiante inspirando a todos que estão ao seu redor. Seu modo de olhar a vida social trazendo sempre uma nova perspectiva de análise contribuiu para o desenvolvimento heurístico e

epistemológico de temas clássicos e mais contemporâneos do domínio das Ciências Sociais como religião e juventude. Você é uma grande inspiração intelectual e humana.

À professora Marion Aubrée agradeço pela recepção a mim oferecida durante o estágio de doutoramento realizado no CRBC – Centre de Recherche sur Le Brésil Contemporain – da École de Hautes Études en Sciences Sociales entre 2007 e 2008. Obrigada a você e a Amanda Dias pelas indicações de eventos e de bibliografias recentes sobre meus temas de interesse. A Amanda agradeço ainda pelos dias de trabalho de campo que realizamos juntas em Acari e pela grande afetividade com que me recebeu em Paris.

Ao querido Marcos Alvito agradeço por uma oportunidade fundamental a mim oferecida nos idos de 1996: ser sua assistente de pesquisa em Acari durante o cumprimento de minha graduação em Ciências Sociais no ICHF/UFF. As trocas em campo, assistir aos cultos, ir aos terreiros na madrugada, ficar nos bares de Acari contigo foram momentos inesquecíveis. Obrigada ainda pela cessão gentil de algumas das fotos que integram o banco de imagens desta publicação.

À Clara Mafra, *in memoriam*, obrigada pelas grandes contribuições feitas durante o curso da pesquisa. As reflexões de Clara sobre o pentecostalismo no Brasil, sobretudo nas favelas, inspirou boa parte deste trabalho. Sempre fui grande admiradora de sua criatividade, inteligência e dedicação.

Ao querido Ronaldo Almeida, cujas reflexões me inspiraram muitíssimo desde as primeiras leituras, agradeço pelo diálogo nos encontros acadêmicos e seminários nos quais tivemos a oportunidade de estar.

À minha muito querida dona Marlene Marques e família, agradeço pela acolhida constante desde 1996; por sempre terem paciência diante de tantos questionamentos sobre a vida em Acari; por se preocuparem comigo; por serem carinhosos; por confiarem em mim; por me acompanharem em várias jornadas de pesquisa na favela. Enfim, obrigada por terem aberto a sua casa (no sentido literal e afetivo que isso tem) para mim. Dona Marlene, a senhora é uma pessoa muito admirável. Obrigada pelas deliciosas experiências gastronômicas em sua casa, por ter me oferecido em Acari uma linda festa surpresa em meu aniversário. Conceição,

Rosana, Walber, Cleide, Márcio, Damião, Bruno, Maicon, Henrique, Marcos, Cleia, Simone, Leonardo, Gisele, Max, Victor, muito obrigada.

Ao amigo Deley, poeta, animador cultural, ativista político, professor de oficina de *Hip hop*, *Funk* e Futebol, agradeço pela companhia em Acari durante tantos anos. Agradeço a você pelas contribuições fundamentais, por sempre ter boa vontade comigo e por me confiar sua amizade. Minha admiração por você é imensa.

À querida Dona Edith e família agradeço enormemente pela paciência e pela boa vontade em me acolher e conceder tantas informações e entrevistas. Obrigada pela confiança em mim depositada.

Aos amigos Barbante, Wesley e Marinho agradeço muito pela companhia em campo. Ao Barbante, principalmente, agradeço pela confiança em mim depositada. Obrigada a todos por partilharem comigo suas observações sobre a vida na favela de Acari.

Aos caros Itamar Silva, Brito, Antonio Guedes, Verônica e Mc Fiell, agradeço muito por me acolherem no Santa Marta, pelas ricas conversas em campo e por me indicarem pessoas com quem falar. Parabéns pelo tanto que realizam na vida social e cultural da favela. Uns trabalhando com crianças, outros educando jovens, outros no samba, na folia de reis e na associação de moradores e outros ainda na igreja, com as mulheres e com a juventude de dentro e de fora da favela. Parabéns por tantas realizações.

À Edith, minha mãe, ao meu pai José Eduardo, *in memoriam*, ao meu irmão Eduardo e ao Momô, agradeço, como não poderia deixar de fazer, não só pela compreensão pelas inúmeras ausências durante a pesquisa, pela dedicação infinita, pela torcida e força incondicionais. Ao Momô, agradeço ainda de modo mais especial.

Aos muito queridos amigos e colegas de jornada no PPCIS, Drica, Carlinhos, Carly e tantos outros agradeço pelas trocas e incentivos durante a realização da pesquisa. Aos professores do mesmo programa agradeço igualmente pelo profissionalismo e dedicação à produção e divulgação de conhecimento de qualidade.

À CAPES, agradeço pela bolsa recebida durante os anos de realização da pesquisa de doutorado.



## Introdução

Toda objetivação é necessariamente uma redução da riqueza da experiência vital dos observados e do processo de observação. Isso é notório e inevitável. O que vem há algum tempo instigando a reflexão antropológica é a possibilidade e a necessidade de explicitação dos modos pelos quais essa redução se processa, seja em função das características dos observados, seja das características dos observadores ou – o que é mais evidente – das condições em que se produziu cada fragmento de informação, cada pista de interpretação, cada vislumbre de compreensão.

*Luiz Fernando Dias Duarte*

Insegurança-risco e segurança-proteção. Foram esses os dois pares temáticos que impulsionaram as primeiras observações em campo, minhas análises e buscas bibliográficas. As reflexões que venho desenvolvendo em meu percurso como pesquisadora e a formação acadêmica obtida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro conduziram-me a definir como objeto inicial desta pesquisa as formas de organização dos moradores de favelas diante das situações de risco, violência e insegurança com as quais se confrontam cotidianamente. Minha hipótese central era que os segmentos populares visualizavam nas lealdades primordiais, nas relações de vizinhança e na integração a redes formadas em torno do pertencimento a instituições religiosas, sobretudo pentecostais e neopentecostais, a base da sua segurança ontológica, nos termos propostos por Giddens (1991). Por outro lado, tendo em vista o rico debate acadêmico em torno das questões que cercam a *violência urbana* na

atualidade,<sup>1</sup> acreditava que esses mesmos moradores tenderiam a ver no tráfico, na polícia, nos sistemas peritos e no Estado os elementos que compõem, em níveis diferentes, o risco a que estão submetidos em seu cotidiano. Ao longo do trabalho de campo, as hipóteses iniciais foram remexidas inteiramente. Foram embaralhados e recolocados os limites tão solidamente construídos nas referências bibliográficas iniciais sobre as situações e atores que representavam risco e os que despertavam segurança.

Tinha certeza quanto ao texto inicial a ser elaborado para a introdução deste livro. Começaria mobilizando as teses de alguns autores como meio para abordar o tema da insegurança no mundo moderno, visto que essa bibliografia foi inspiradora dos novos olhares que lançava sobre uma favela na qual já realizara pesquisas periodicamente desde 1996. Na sequência, costuraria, necessariamente, essas teses com a produção nacional sobre os modos de vida dos moradores de favelas e sobre a questão da *violência urbana*. Contudo, uma situação experimentada em campo me fez mudar essas linhas iniciais.

Antes de narrá-la, talvez seja preciso contar um pouco da minha relação com o campo de pesquisa. Os treze anos de idas e vindas realizando pesquisa no conjunto de favelas de Acari<sup>2</sup> foram importantes para ter acesso às representações construídas pelos moradores a respeito do tráfico de drogas local, assim como para identificar muitas das situações que geravam, cotidianamente, os sentimentos de insegurança e desamparo por eles experimentados. Clássicos como Malinowski e Evans-Pritchard nos recomendam a vivência em campo como modo de experimentarmos a vida com o *outro*. Este seria um recurso privilegiado para identificar e analisar lógicas de ação, para sermos capazes de construir, nas palavras do primeiro, um mapa mental (uma espécie de quadro sinóptico recheado de informações e descrições) que nos dariam acesso à cultura do *outro*. Muitos antropólogos depois deles questionaram a noção de tradução cultural, a ilusão da produção de

---

1 Leite, 2001, 2006, 2008; Machado da Silva, 2008; Soares, 1996; Zaluar, 2004, entre outros.

2 No capítulo 1 faço uma descrição das localidades estudadas, a saber, o conjunto de favelas de Acari (localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro) e Santa Marta (localizada na Zona Sul carioca).

uma verdade sobre o que seja qualquer cultura destacando o novo lugar que deveriam assumir os nativos na produção do conhecimento da sua própria cultura e também, paralelamente, também o novo lugar do cientista não como produtor de uma verdade, mas de uma interpretação, de versões sobre a vida social, sobre as situações observadas diretamente.<sup>3</sup> Contudo, a etnografia como meio privilegiado, embora não exclusivo, de acessar experiências e produzir conhecimento não foi questionada como tal, embora problematizada em termos do que a constitui, dos seus limites e potenciais.<sup>4</sup> Embora achasse que, após anos de trabalho de campo intermitente em Acari, já tivesse acessado de modo consistente os sentidos das ações e as sensações dos moradores em relação a diferentes situações a partir de categorias analíticas específicas, foi um evento transcorrido no início de 2009 que me afetou, fazendo-me experimentar singularmente (pois só assim é possível experimentar as situações, seja nas pesquisas, seja na banalidade do cotidiano) os sentimentos que até então eram alvo primordial de minhas elaborações intelectuais naquele campo: medo, insegurança e a força dos laços sociais.

Ao longo das pesquisas realizadas para a graduação, mestrado e para o doutorado, contei com a colaboração de moradores que me acompanhavam em jornadas na favela. No entanto, sempre busquei as oportunidades de caminhar sozinha como forma de estabelecer novos contatos. Vivía esses momentos como se tivesse estabelecendo uma opção metodológica para tentar me sentir (e provocar a sensação de ser) um transeunte qualquer, de saber, de fato, se me imporiam (moradores e/ou traficantes), limites à circulação no território, se era mais invisível (no sentido apresentado pelos clássicos em relação ao pesquisador durante as longas estadas em observação participante) pelos anos que já corriam desde o meu primeiro dia em Acari. Depois de concluído o mestrado (2002) fui muitas vezes a Acari para encontrar pessoas com as quais estabeleci relações de grande afeto e amizade. Mas foi com o início do doutorado (2005) que retomei as idas mais constantes à favela. Nesse momento, os traficantes de drogas já eram plenamente

---

3 Gertz, 1989; Foote Whyte, 2005; Becker 1986; entre outros.

4 Gertz 1989; Clifford 2008; Oliveira 2000; Peirano 1992; Cardoso 1986; Zaluar 1986; entre outros.

identificáveis no território, diferentemente de períodos anteriores nos quais havia a presença policial ostensiva e a atuação mais encapsulada dos traficantes, e o controle de entrada, circulação e saída de pessoas por parte deles era muito mais evidente. Até aquele momento nunca havia sido constrangida pela imposição direta ou indireta de limites à minha circulação na favela por parte dos traficantes. Nunca me impediram de tirar uma fotografia. Talvez essa “invisibilidade” fosse decorrência da minha assimilação de comportamentos orientados pelos moradores amigos a fim de antecipar situações de risco e, assim, (tentar) controlar o perigo. Mas a ansiedade de capturar mais e mais informações me deixou vulnerável.

O campo do doutorado tinha chegado ao fim. Melhor, o tempo possível de realização da etnografia havia se esgotado, mas algumas questões ainda pululavam sem muitas respostas. Ainda queria realizar algumas entrevistas. Não era devido, o momento era de reclusão para a escrita, mas não resisti. Precisava falar com a missionária Conceição. Ela era uma figura importante no campo evangélico local. Controversa, sua missão preferencial era com traficantes e prostitutas, mas embora fosse avaliada negativamente por alguns, para muitos sua missão era importante pelas mudanças que vinha empreendendo na igreja à qual estava filiada, a Assembleia de Deus, Ministério de Madureira. O dia estava quente, era pleno verão carioca e bem cedo cheguei a Acari. Caminhei por um lugar e outro, realizei outra entrevista com uma liderança católica local, até que parei numa padaria para beber água. A padaria está localizada em uma das ruas principais de uma das favelas de Acari. Eu estava em pé ao lado do balcão que faz limite entre o interior do comércio e a rua. Ao dar o primeiro gole na garrafa d’água avistei uma pintura que sempre quis fotografar. Nunca tive chance, pois ela fica entre duas bocas de fumo sempre com a presença de muitos traficantes e consumidores. Por uma dessas conjugações quase astrais, naquele exato momento estava a uma distância boa do local, digo boa porque estava longe o suficiente para nenhum traficante me avistar e, ao mesmo tempo, não tão longe que a pintura ficasse irreconhecível na fotografia. O muro estava pintado com um puma, símbolo de uma marca esportiva que é a marca, digamos, de preferência e identidade



dos traficantes locais. Em meados da década de 1990, nesse mesmo local havia outra pintura que fazia continuidade com um santuário com uma grande reprodução da Escrava Anastácia.<sup>5</sup> Olhei para um lado e para outro, e rapidamente saquei a máquina digital e tirei a foto em sequência de três (um dispositivo que acionei no trabalho de campo para não ter risco de perder a imagem que me propunha a fotografar). O comerciante me olhou. Sorri para ele e mostrei a foto no *display* da câmera no intuito de provar que não havia tirado foto alguma dos traficantes. Disse que estudava os evangélicos na favela (um recurso que, até então, tinha me bastado para explicar o que fazia em campo quando algum morador perguntava) e que ali, antes, havia uma estátua da Escrava Anastácia. Ele sorriu e pareceu satisfeito com a explicação dada, ainda que não solicitada diretamente. Não estava, mas eu só viria a saber disso dias depois.

Passaram alguns dias, e voltei a Acari. Um traficante local que eu tinha entrevistado prometeu me levar até uma traficante homossexual que frequentava as atividades de uma igreja evangélica local. Minha euforia era grande e cheguei cedo à favela. Antes de realizar a entrevista, pretendia visitar alguns amigos na localidade e também assistir ao que seria o marco zero de um grande projeto social em Acari, o Pronasci.<sup>6</sup> Os traficantes estavam somente nas ruas do interior da favela, pois policiais, carro de som e políticos, entre eles o então prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, estariam no local para os discursos de lançamento do projeto de uma área de recreação e lazer com ampla infraestrutura. No caminho da casa de uma senhora amiga residente em Acari comprei pão doce em uma das carroças de pão que circulam no local para lhe ofertar. Quando passei pela padaria (aquela mesma na qual tirei a foto do puma) acenei para o comerciante que me sorriu

---

5 Sobre as pinturas nos muros da favela ver capítulo 7, 8 e 9.

6 “Desenvolvido pelo Ministério da Justiça, o Pronasci [Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania] marca uma iniciativa inédita no combate à criminalidade no Brasil. O projeto articula políticas de segurança com ações sociais; prioriza a prevenção e busca atingir as causas que levam à violência, sem abrir mão das estratégias qualificadas de repressão”. Em novembro de 2007, após a assinatura do Ministro da Justiça, Tarso Genro, de um convênio com a Secretaria de Segurança Pública do estado, treze municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e a capital começaram a (poder) receber os recursos de programas do Pronasci. [www.mj.gov.br](http://www.mj.gov.br). Acesso em: agosto de 09.